



UNICAMP

EVENTO: "SANTOS REABRE CRIAÇÃO DE MÁRIO DE ANDRADE"
 VEÍCULO: O ESTADO DE SÃO PAULO
 DATA: 12 de Setembro de 96
 PÁGINA: D-20
 SEÇÃO: CADERNO 2



MÚSICA

Santos recebe criação de Mário de Andrade

A ópera 'O Café', cujo libreto foi feito pelo escritor em 1942, estreia no Teatro Municipal Brás Cubas

CARLOS HAAG

Depois de mais de meio século à espera de um compositor corajoso o suficiente para enfrentar suas inovações estéticas e seu conteúdo revolucionário, chega aos palcos, finalmente musicado, *O Café*, libreto para uma ópera, escrito em 1942 por Mário de Andrade, que fala do drama de estivadores do porto santista diante da crise do café de 1929. A ópera terá amanhã sua estreia mundial em Santos, palco da ação real do poema, no Teatro Municipal Brás Cubas (Avenida Pinheiro Machado, 48, ☎013-233-6086) comemorando os 450 anos da cidade, com música do maestro Hans-Joachim Koellreutter, direção de Fernando Peixoto e cenografia de Gianni Ratto.

Para a montagem de *O Café*, a Administração Democrática e Popular de Santos reuniu uma equipe de 220 pessoas, entre elenco e técnicos. São quatro corais — representando o povo, base do poema de Mário de Andrade —, a Orquestra Sinfônica Municipal de Santos, regida pela maestro Petri, mais duas orquestras de câmara, dirigidas por Koellreutter, com o auxílio de mais três maestros, além de 30 figurantes, uma solista, a meio-soprano Margarita Schack, e um narrador, o ator Serafim Gonzalez. Com um custo total de R\$ 390 mil, a ópera se repete sábado e domingo em Santos, mas já há contatos com o Teatro Municipal de São Paulo e com outras cidades, para uma possível turnê.

Por os poemas de Mário de Andrade em cena era uma idéia antiga, acalentada por Koellreutter e por Peixoto. "Quando li o texto, há muito anos, fiquei impressionado pela posição ideológica do mestre Mário de Andrade, cuja problematização ainda está presente no nosso mundo, e pela linguagem épica dos poemas e ainda estava morando no Japão quando comecei a musicá-lo", lembra o compositor, um dos introdutores da modernidade no Brasil.

Fernando Peixoto também era um admirador do texto, desde que o leu pela primeira vez em 1961. "Fiquei fascinado com a força poética e política do libreto e cheguei mesmo a propô-lo a Cláudio Santoro, mas, quando li no *Estado* que Koellreutter o tinha musicado, vi que era a hora de pô-lo em cena e, como toda a ação se passa no cais de Santos, levei o projeto para lá", conta Peixoto, que pensou, inicialmente, em encenar a ópera em plena zona portuária, idéia que se tornou inviável por problemas acústicos. A eles veio se juntar o cenógrafo Gianni Ratto, que também não resistiu ao poder da escrita de Mário.

"Há 42 anos que vivo aqui e só vejo se repetir a problemática abordada pelo texto, uma visão utópica, mas muito generosa, porque sente a necessidade de uma equalização dos valores", observa Ratto. Tamanha unanimidade diante de um texto de cunho social, que muitos considerariam fora de moda, já que, com visões de massa vencedora, revela que o escritor ainda tem o que oferecer



Cena de 'O Café': o drama dos estivadores do Porto de Santos diante da crise do café de 1929



Hans-Joachim Koellreutter: maestro musicou o libreto de Mário

sobre o País. "É engraçado que já cantei Minas, o carnaval, o Recife, mas São Paulo ainda não entrara na minha poesia e, agora, creio que entrou e ficou bonito: é uma ópera inteira coral que se intitula *O Café*", escreveu Mário em 1942.

Mas avisava: "Está claro que café não interessa, é apenas um valor econômico, cuja depressão causa uma revolução e vitória de forças novas." Para musicar seus poemas, Mário pensou em Francisco Mignone, cujo estilo, mais italianizado, pouco tinha a ver com o projeto e não conseguiu atender ao pedido do amigo. "Mignone até tentou trabalhar *O Café*, mas me contou que o achava difícil para o seu estilo de compor e eu mesmo tive dificuldades para fazer a música", diz Koellreutter.

Para o compositor, um dos problemas do texto é a sua forma. "No fundo não é uma ópera, mas um meio-

termo entre essa e o oratório, mais para um poema épico, como as obras cênicas de Carl Orff e Stravinski, escrita numa linguagem dramática inovadora, corajosa, audaz", define. Mesmo dentro do estilo da última fase de Koellreutter, essa estrutura mista teve uma contrapartida musical. "O que escrevi também é meio-termo, só que entre a composição e a improvisação, idéia que surgiu quando assistia aos jogos da Copa da Itália, em 1990, e vi o time brasileiro dividido entre a disciplina e a liberdade de reação."

Assim, querendo reproduzir esse jogo em sua música, além de trazer marcas dodecafônicas, a partitura de *O Café* também faz concessões propositais ao tonalismo e à tradição. "Não quis musicar a linguagem de Mário independentemente, mas sempre considerando a música como elemento enfatizador dos valores lingüísticos do escritor e as concessões servem para enfatizar partes do poema que acho importantes", analisa Koellreutter.

O músico não considera o texto "datado", desde que sua leitura não

seja restrita. "A massa, ao final, pode ganhar a revolução, mas quem supera essa guerra entre classes é a mãe, o único solista, e daí a vitória é mais do humano que do político, apesar de não negar que *O Café* seja um grande comício para motivar discussões", fala. A partitura de Koellreutter prevê a participação do público, que, no encerramento, deve repetir as palavras finais do coro: força, amor, trabalho e paz.

"*O Café* é um chamado à reflexão de forma meio épica, uma afirmação de que o homem pode triunfar sobre as injustiças e, ainda que use símbolos que muitos descartem atualmente, mostra que não se pode perder a crença nas utopias, na vitória de valores mais justos", ressalta o diretor Fernando Peixoto. Reunindo suas experiências teatral e operística, Peixoto procurou imprimir dinamismo dramático ao texto de Mário, em que reconhece alguns excessos panfletários e uma certa carência de confrontos, em função do personagem coletivo do coro.

"É quase uma celebração de luta, que, no entanto, não mostra o conflito, a própria luta, a revolução, sem aprofundar as relações, ao mesmo

tempo em que tem uma grande força literária pela poesia de Mário", analisa. Sem exagerar nas movimentações do coro — "como as palavras são o mais importante, elas devem ser entendidas sempre" —, Peixoto trabalhou os coros, quase sem experiência cênica e acrescentou, ao seu lado, um bom número de figurantes, até mesmo crianças.

Para alcançar a integração entre som e texto, Fernando teve de passar por uma experiência inédita. "O encenador sempre tem lá o disquinho da ópera para ouvir e ir para os ensaios com as idéias prontas, mas, nesse caso, não havia disco nenhum e fui descobrindo tudo durante o processo de trabalho, algo positivo", revela. Já o cenógrafo Gianni Ratto optou por não se apoiar na música, mas auxiliar o diretor.

"A cenografia morreu e, para esse trabalho, parti de um princípio de secura total, um cenário utilitário que deve servir, intelectualmente, ao espetáculo, numa essência de planos, volumes e meras indicações de lugar, facilitando o trabalho do diretor", define Ratto. Assim, apesar do trabalho de pesquisa fotográfica sobre o cais do porto, que ninguém espere realismo de sua criação para a ópera. Tampouco grandes belezas. "Que belo cenário! coisas assim nunca significaram nada para mim."

Responsável por cenografias inteligentes e não um mero décor, seja no teatro, seja na ópera, Ratto ainda acredita no poder do drama. "Basta querer, pois o teatro já foi forte o bastante no século 19 e só com televisão estragando tudo é que ele se transformou numa diversão qualquer, cada vez menos forte", acredita. Para ele, ao criar uma antiópera, Mário, ao contrário que se poderia imaginar, reforçava a vitalidade do gênero, para o qual propunha inovações.

Sem tenores e sem sopranos, continua Ratto, centrada numa massa coletiva coral, *O Café* rompe os limites do teatro e sinaliza o futuro. "Com tanta gente em cena, fica claro que o teatro não é suficiente e, assim, Mário indica outro caminho, o da arena, o do estádio, o que coincide com a minha visão de hoje, que é a volta do teatro à sua dimensão heróica, mitológica", avalia. Provas de que *O Café* estava apenas adormecido, esperando a hora de brotar.

Obra revela preocupação com o social

FLÁVIA TONI
Especial para o Estado

O Café é a concretização de um projeto que Mário de Andrade alimentou por muito tempo, desde a década de 20, antes mesmo de completar o poema, em 1942. Melômano, tendo na música uma preocupação importante, ele escutava seus poemas estereofonicamente. No libreto de *O Café*, e isso é visível pelas indicações que deixou, temos a sua participação não apenas como poeta, mas também como músico, pois não há apenas caracterizações de personagens, mas de volumes e timbres ao descrever coros masculinos, femininos e assim por diante.

Mário conhecia o fazer musical, mas sua autocrítica não lhe permitiria escrever a música para o poema e pensou em Mignone para musicá-lo. Mas a base para entregá-lo a Mignone e não a Camargo Guarnieri, mais próximo dele, se deve mais a razões de cumplicidade e amizade, pois foi durante o convívio de Mário com o casal Mignone, no Rio, que a idéia de *O Café* cresceu e eles sonharam juntos essa ópera. Apostou também que Mignone escreveria a ópera da forma que ele queria e isso foi um problema para o compositor.

A impressão que se tem é de que Mário sempre soube que não era um projeto para sair do papel, já que idealizava até mesmo a música e achou que Mignone poderia funcionar como mãos acessórias dele, apostando numa possível modernização do músico. Mignone escreveu alguns trechos, até hoje quase desconhecidos, apenas em versão para piano, mas era uma tarefa difícil, pois tudo estava na cabeça de Mário, que sugeria detalhes da música.

O texto traz um Mário conscientemente moderno e muito comprometido com o social, uma obra que está na base de todo o seu projeto cultural.

Flávia Toni é diretora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP

CUSTO TOTAL DO ESPETÁCULO É DE R\$ 390 MIL